

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS

Discipulado

A partir do documento da CNBB n. 107



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Disciplinado : a partir do documento da CNBB n. 107 / Núcleo de Catequese Paulinas – NUCAP. – São Paulo : Paulinas, 2019. – (Itinerários)

ISBN 978-85-356-4551-4

1. Disciplinado 2. Disciplinado (Cristianismo) 3. Liderança cristã 4. Missionários 5. Vida cristã I. NUCAP, Núcleo de Catequese Paulinas. II. Série.

19-28690

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Disciplinado : Vida cristã 248.4
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
Antonio Francisco Lelo

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Ilustrações: *Rodval Matias*

Produção de arte: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>
editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
ENCONTRAR O SENHOR.....	11
Querigma.....	14
Para refletir em grupo	16
CONHECER O DOM DE DEUS	17
Celebração de entrada no tempo do catecumenato.....	17
Tempo do catecumenato, tempo de conhecer.....	20
Pedagogia catecumenal	24
Tempo da purificação	36
Para refletir em grupo	41
REVELAR	43
É o Cristo	44
Centralidade do Reino	48
Paixão e morte	52
Ressurreição	56
Incorporação pascal	57
Para refletir em grupo	61
ANUNCIAR	63
Tempo da mistagogia	64
Vida nova	67
Para refletir em grupo	69
CONCLUSÃO.....	71

INTRODUÇÃO

Seguir. Seguir sempre adiante. Essa é a marca do caminheiro que peregrina em busca da verdade, do bem e do sentido da vida. Hoje em dia, a pluralidade nos impulsiona a fazer o caminho com Jesus, seguindo-o como discípulos com uma identidade bem definida: na escuta atenta da Palavra, na partilha do pão, no discernimento do nosso papel na sociedade, no diálogo com o diferente e, sobretudo, no silêncio para acolher o mistério de Deus.

Assim como os discípulos conviveram com o Mestre e começaram a entender o mundo com base no olhar dele, o catequizando percorrerá uma trajetória de descoberta e revelação para acolher o Reino e viver de maneira nova.

O documento da CNBB n. 107, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários* (2017), compreende a catequese e os três primeiros sacramentos como caminhos de formação de discípulos. Portanto, considera os quatro tempos e as três etapas do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (RICA) como seguimento de Jesus Cristo como discípulo que se estenderá por toda a vida após o Batismo. Por isso, este livro entende o conjunto da iniciação como exercício de discipulado.

Tomando a característica principal do primeiro tempo, chamado pré-catecumenato, este documento prevê uma *Igreja querigmática*: que privilegia o anúncio destemido do Evangelho e propicia o encontro com o Senhor. Igualmente, destacando as relações entre catequese e liturgia e a característica própria do último tempo, propõe a *Igreja mistagógica*, que se inicia no mistério de Cristo. O tempo do catecumenato, por ser mais longo, tem como característica principal

a formação de discípulos que passam a conhecer uma pessoa e um caminho de vida. O catecumenato é tomado como uma iniciação de discípulos que descobrem um caminho, neste ponto, o documento não desenvolveu diretamente a *Igreja discipular*.

Em seu primeiro capítulo, o documento toma a samaritana (Jo 4,1-42) como paradigma desse processo. Porque, conduzida por Jesus, faz um caminho de descoberta de quem é aquele que se senta à beira do poço com ela. Inicialmente, ele é apenas um *judeu* com sede e sem utensílio para retirar a água (v. 7); depois, ela o reconhece como um *profeta* (v. 19); mais adiante, Jesus lhe responde que ele é o *Messias*, revela-lhe isso com uma proposição: “Sou eu, aquele que fala contigo” (v. 26); e, finalmente, serão aqueles que ouviram o testemunho da samaritana que concluirão que ele é o *Salvador* do mundo (vv. 41-42).¹

Sob a pedagogia da passagem da samaritana e com o objetivo de descrever a dinâmica do discipulado, identificamos quatro passos desse diálogo e os associamos aos tempos e etapas da Iniciação à Vida Cristã. Neste livro, dedicaremos um capítulo para cada um destes verbos: 1) *encontrar*/pré-catecumenato; 2) *conhecer*/catecumenato e purificação; 3) *revelar*/celebração dos três sacramentos; 4) *anunciar*/mistagogia. “Esse encontro de Jesus com a samaritana é um exemplo perfeito da maneira como ele se faz conhecer àqueles que o procuram. Ele se faz conhecer progressivamente, como acontece na Iniciação à Vida Cristã”.²

A revelação da pessoa de Jesus como Messias constituirá o grande tema do discipulado. Aceitá-lo como servo e não como super-homem e conformar-se com ele nesta missão serão os divisores de águas da iniciação cristã. Aqui está a chave para compreendermos a

¹ Cf. CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017, n. 37. (Documentos da CNBB 107).

² *Ibid.*

progressividade das catequeses e dos ritos que culminam na celebração pascal. “Na incorporação ao mistério pascal de Cristo, se vive a essência da Iniciação à Vida Cristã: é seu princípio, meio e fim.”³

A prática de Jesus de instaurar o Reino comporta a contradição da cruz como expressão do seu amor levado até o fim, por sua vez, “o discípulo não está acima do Mestre” (Lc 6,40). A centralidade do mistério de Cristo, maximamente do seu mistério pascal, unirá a metodologia e o conteúdo dos quatro tempos para levar o catequizando a enfrentar esse grande desafio.

O processo catequético partirá das inquietações e devoções do catequizando para amadurecer sua fé no horizonte da doação e entrega de sua própria vida, até a identificação com Cristo, sem se apoiar nas contundentes promessas da teologia da prosperidade. “A educação na fé supõe [...] discernimento na busca de Deus, [...] e condução de todas as nossas devoções e práticas religiosas ao Mistério Pascal.”⁴

Nosso amor por Jesus vai além do sentimento de adoração, piedade e confiança numa cura ou num milagre de que precisamos muito, assim, traduz-se na postura decidida em favor da verdade, da justiça e da solidariedade, sem conluíus com a corrupção e as desigualdades.

Tornar-se discípulo de Jesus implica estabelecer uma relação com o Senhor para conhecer o mistério de sua vida, de seu ensinamento e o destino que ele nos oferece, da maneira como ele se apresenta a nós no Evangelho e como a Igreja o compreendeu. O discípulo se vincula ao Mestre, não somente na etapa do ministério, mas também no momento central da missão messiânica: a paixão, a cruz e, também, a ressurreição. Somos chamados a viver existencialmente a sua páscoa!

Para realizar esse caminho de conversão, o mesmo documento volta-se para o modelo que vigorou no início da Igreja: “Sob a

³ Ibid., n. 97.

⁴ Ibid., n. 151.

inspiração do RICA, é possível propor um itinerário que avance por etapas e tempos sucessivos (por meio de símbolos, ritos, celebrações), garantindo que a iniciação de adultos, jovens e crianças se processe gradativamente no seio da comunidade”.⁵ Mais que oferecer um aprendizado intelectual, o catequizando/discípulo deverá assimilar o estilo de vida do Mestre, seu ensino e exemplo.

Após concluir este período de treinamento durante a iniciação cristã, abrir-se-á a realidade plena da vida nova. Assim, o discipulado/seguimento é o desenvolvimento efetivo da vida batismal como aprendizado e familiaridade com o Mestre, que nos chamou e nos associou a si mesmo, ao doar o seu Espírito de Ressurreição. “A graça da fé e a conversão pessoal ao seguimento de Jesus pertencem a uma dinâmica que percorre toda a nossa vida, o que faz com que sempre sejamos neófitos.”⁶

⁵ Ibid., n. 139.

⁶ Ibid., n. 99, cf. também n. 134.

ENCONTRAR O SENHOR

Os primeiros seis versículos do relato da samaritana (Jo 4,1-6) oferecem o enquadramento da narração. A caminho da Galileia, atravessando a Samaria, Jesus chega a uma localidade onde havia um poço. Esse poço esconde o essencial: a água que mata a sede e possibilita a vida ir adiante. Com estes elementos, Jesus inicia o diálogo com a mulher e, depois, irá indagar sobre as realidades que transcendem sua vida.

No Antigo Testamento, encontros à beira de um poço terminavam em casamento. Foi à beira de um poço que o servo de Abraão encontrou Rebeca para ser a noiva de Isaac (Gn 24). Foi também junto a um poço que Jacó conheceu Raquel (Gn 29,1-14) e, ainda, foi também em um poço que Moisés conheceu Séfora, sua futura esposa (Ex 2,15-22). Desde o Antigo Testamento, o poço é um lugar de encontros que suscitaram belas experiências de comunhão amorosa.

No tempo de Jesus, naquela cultura, era incomum um homem pedir de beber a uma mulher, mais ainda se samaritana, filha de um povo cuja religiosidade era malvista. Tudo sugeria adversidade recíproca, pluralismo, diferença, contraste...¹

A samaritana se surpreende que um judeu lhe peça de beber, e o evangelista explica o motivo da surpresa: os judeus não fazem uso de um utensílio que tenha sido usado por um samaritano. Se ele pede

¹ Ibid., n. 16.

de beber, seria com a talha dela. Jesus dá sinais de não se importar com tais proibições.

As barreiras existentes entre os judeus e a samaritana levavam a esperar mais desencontro que diálogo. Jesus vai ao encontro da samaritana e inicia uma conversa, a partir da sede, da realidade da água, da complexa aventura da vida daquela mulher e de sua sincera busca de Deus. Ele se apresenta, reconhecendo que ela pode oferecer-lhe algo de que está precisando. Jesus parte de uma situação vital. Dar de beber era símbolo de acolhimento, o que mostra sua disposição em revelar-se àquela mulher.²

Jesus a acolhe e dá sentido à sua vida. Ocorre um diálogo profundo, fundado na verdade, carregado de esperanças e de promessas, atento aos anseios das pessoas, ao respeito por elas e por suas buscas. “Fundamental no processo do diálogo foi provocar na samaritana o encontro pessoal com ele, suscitando nela a pergunta sobre se ele seria o Messias.”³

A sede de Jesus é o seu desejo de nos ver seguindo seu caminho. A eloquência do encontro dessa primeira cena estabelece o ponto inicial do discipulado que, certamente, durará a nossa vida inteira, mas que encontra nos tempos da iniciação cristã o seu período de treinamento e de consolidação.

A real situação vivida pela mulher: ir ao poço, retirar água com o cântaro, cultuar a outros deuses (outros maridos) e possuir herança comum (pai Jacó), conduz Jesus ao notável início do diálogo: a partir de sua sede, ele se vê possibilitado de superar o preconceito e conversar com uma mulher proveniente de um povo desprezado pelos judeus. Estes elementos compõem a pedagogia de Jesus de anunciar a partir da realidade na qual se encontra o interlocutor.

² Cf. *ibid.*, nn. 16-17, 62, 90, 154.

³ *Ibid.*, n. 62.

Jesus se aproxima da realidade da pessoa sem se deter na lei da pureza ou em outro preconceito que afasta, vimos que ele até se dirigiu à casa do cobrador de impostos, Zaqueu, detestado por seus conterrâneos, e despertou a sua conversão. Ou mesmo quando solucionou o impasse que envolveu a mulher adúltera, resolvendo-o sob uma nova perspectiva. Essa postura de acolher a pessoa e de encarar de frente seus problemas constituirá a base do discipulado a ser desenvolvido na iniciação cristã.

Igualmente, “A Iniciação à Vida Cristã deve acolher e iluminar as *questões existenciais da vida* de cada um. Isso significa que ela precisa enraizar-se no complexo tecido da existência concreta dos interlocutores e de suas realidades sociais”.⁴ Esta mesma citação continua com o exemplo do apóstolo Paulo, que se fez judeu com os judeus e fraco com os fracos, a fim de ganhá-los para o Reino (cf. 1Cor 9,20-23). “Como naquele tempo, também hoje é preciso ir até às pessoas e dialogar, e a partir de suas necessidades, apresentar-lhes Jesus Cristo”.⁵

Hoje em dia, isto não é fácil de acontecer porque atravessamos uma mudança de época, um momento histórico marcado pelo pluralismo, com transformações profundas e interlocuções novas, em que os valores são ressignificados, os paradigmas são reconstruídos, e surge uma nova compreensão do ser humano. Nessa perspectiva, o modo de pensar e as convicções de cada um são muito diferentes, o que dificulta o diálogo e até mesmo a possibilidade do encontro com o Senhor. Haja vista as diversas e possíveis configurações de relacionamento na sociedade.

Há que discernir os sinais dos tempos, isto é, perceber o que é próprio desta época. O que “exigirá de nós humildade, atitude de acolhida, criatividade e capacidade dialogal para possibilitar um itinerário que facilite a caminhada rumo à conversão”.⁶

⁴ Ibid., n. 90.

⁵ Ibid., n. 154.

⁶ Ibid., n. 55.

Querigma

Com as categorias do encontro e do diálogo, identificamos o primeiro passo da iniciação cristã. No itinerário traçado pelo *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (RICA), tais categorias fazem parte específica do pré-catecumenato e são seguidas por uma terceira: o querigma, anúncio da salvação em Jesus Cristo. O objetivo deste documento da CNBB é propor a inspiração catecumenal como paradigma de toda forma de catequese e extensiva à toda comunidade. O querigma faz parte integrante desse modelo, “ocupa o centro da atividade evangelizadora e de toda iniciativa de renovação eclesial”.⁷

Esse documento, no n. 41, ressalta que a “formação progressiva de novos discípulos” passa pela experiência pessoal “do primeiro anúncio em que trata da vida de Jesus de Nazaré, sua pessoa, mensagem e missão, e do seu momento culminante de morte e ressurreição (páscoa)”.⁸

Este “anúncio tem por objeto Cristo crucificado, morto e ressuscitado: por meio dele se realiza a plena e autêntica libertação do mal, do pecado e da morte; nele Deus dá a ‘vida nova’, divina e eterna. É esta a ‘Boa-Nova’ que muda o homem e a história da humanidade, e que todos os povos têm o direito de conhecer”.⁹ Trata-se da experiência fundante de nossa fé, a qual sempre deveremos retornar e aprofundar, como realidade primeira do que cremos, esperamos e amamos.

Seguindo as características do encontro do Senhor com a samaritana: “Um tal anúncio tem de se inserir no contexto vital do homem e dos povos que o recebem. Além disso, ele deve ser feito numa atitude de amor e de estima a quem o escuta, com uma linguagem

⁷ Ibid., n. 59.

⁸ Reforça o mesmo conceito de experiência de fé, *ibid.*, n. 110.

⁹ *Ibid.*, n. 108.

concreta e adaptada às circunstâncias”.¹⁰ Sem se esquecer da ação do Espírito Santo, que torna o encontro evangelizador comunhão com o Pai e o Filho.

O anúncio do querigma conserva algumas características próprias: concentrar-se no essencial da mensagem da passagem que foi proclamada. Não tanto em seus detalhes, mas em sua intenção central e nos valores que está propondo. O que devemos fazer é apresentar o aspecto principal da passagem, qual é o plano salvador de Deus, tal como nela se revela, como Deus agiu e como as pessoas responderam.

Muito além de princípios morais a serem observados, a fé cristã é o encontro transformador com Jesus Cristo, que nos faz superar o egoísmo e o orgulho para vivermos numa relação filial, firmada na misericórdia, na providência, no perdão do Pai. Por isso, o Papa Francisco nos alerta: “A centralidade do *querigma* requer [...] que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa”.¹¹

Esse anúncio é proposto à aceitação daquele que escuta não como fato passado, mas plenamente atual, capaz de inserir o ouvinte na continuidade da única história da salvação, conduzida durante o tempo da Igreja pelo mesmo Espírito Santo. Porque a Palavra age, converte e produz o que promete. Ela é eficaz.

O *Diretório Nacional de Catequese*, n. 33, situa o querigma como primeiro momento da evangelização, e a catequese como o segundo momento que lhe dá continuidade, com a finalidade de aprofundar e amadurecer a fé para que o convertido seja incorporado à comunidade cristã. Igualmente, no RICA, após o anúncio do querigma durante o pré-catecumenato, seguirá a formação do discípulo durante o

¹⁰ Ibid., n. 108.

¹¹ *Evangelii Gaudium*, n. 165.

tempo do catecumenato, sendo que a experiência do querigma continuará a perpassar todo o itinerário catecumenal.

Esse primeiro tempo da iniciação cristã dos adultos constitui a oportunidade de aprofundar a descoberta da pessoa do Senhor para chegar à profissão de fé nele. Isso requer do catequista: acolher incondicionalmente as pessoas, despertar a conversão inicial, por meio da qual a pessoa se sente chamada a afastar-se do pecado e a mergulhar no mistério do amor de Deus. Tudo parte do primeiro encontro, do primeiro amor como primeira descoberta do Senhor.

Para maior aprofundamento deste tema, dedicamos um fascículo desta coleção ao tema do querigma.¹²

Para refletir em grupo

- 1) Quais são as três características do tempo do pré-catecumenato?
- 2) Como relacioná-las com a passagem da samaritana?
- 3) Após proclamar um texto bíblico, como explicitá-lo seguindo as características do querigma?

¹² NUCAP. *Querigma. A partir do documento da CNBB n. 107*. São Paulo, Paulinas, 2018, e também: id., *Querigma. A força do anúncio*. São Paulo, Paulinas, 2015.